
A questão da Interdisciplinaridade na Comunicação e o Papel Social do Jornalismo Esportivo¹

Emerson Maciel ESTEVES²
Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, SE

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de refletir sobre o campo da Comunicação através do seu caráter interdisciplinar. O esforço do trabalho é pensar os limites e potencialidades dessa característica do campo a fim de elucidar de que forma isso pode contribuir para uma comunicação, e mais precisamente, um jornalismo esportivo, atuante e combativo no que tange fenômenos e problemáticas sociais. O quadro teórico compreende intelectuais que durante seu percurso na academia tiveram o esforço de contextualizar, complexificar e cristalizar o objeto e campo da Comunicação. O trabalho se divide em três partes: Interdisciplinaridade na Comunicação; Jornalismo esportivo enquanto segmento e subárea do jornalismo e por fim o papel social que ele pode desempenhar na sua prática jornalística no combate as discriminações.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalismo esportivo; Interdisciplinaridade; Antirracismo; Papel social.

A perspectiva interdisciplinar na Comunicação

O campo da Comunicação esta imerso num campo de pesquisa e estudo atravessado por uma série de tensões, contradições e dificuldades que se tornam obstáculos para se pensá-lo de forma particular e a natureza da sua constituição. O teórico brasileiro Muniz Sodré relaciona essa dificuldade em caracterizar esse campo de forma independente e particular por conta da natureza do objetivo e da sua ordem temática interdisciplinar.

Decorrentes alguma da natureza do seu objeto, ou da relação por vezes conflituosa que se estabelece entre o campo da teoria e o campo da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação do PPGCOM/UFS, e-mail: emersonmestevés@gmail.com

prática; outras de ordem propriamente temática (na acomodação de diferentes tratamentos conceituais e na construção de seus próprios referenciais) (SODRÉ, 2001, p. 47)

Segundo alguns pesquisadores, esse caráter interdisciplinar seria inviabilizador ou no mínimo dificultador para que se exista delimitações de uma fronteira de campo de estudo. Como é o caso de Lopes (1998, p. 29):

A questão reside então na possibilidade de estabelecer a particularidade de um campo de análise de um saber que ora aparece como o fundamento das ciências do homem, ora aparece como uma síntese do produto dessas ciências. Em todo caso, o que se vê hoje em dia é a Comunicação passar diretamente do sentido filosófico para o sentido radicalmente interdisciplinar, sem espaço para a constituição de uma disciplina autônoma.

Faz se necessário enfatizar que seu caráter interdisciplinar não resulta em um campo onde tudo se permite e se faz. Outros teóricos vão apontar o esforço de compreender o campo da comunicação enquanto suas propriedades de instituição discursiva regida por formas específicas próprias.

A ubiquidade da comunicação não corresponde a um postulado teórico do “tudo pode”, o caos do objeto não supõe o caos da teoria. Considero que a forma específica de interesse do campo da comunicação está, a meu ver, no modo como ele se constitui, enquanto instituição discursiva, em meio a outros campos, igualmente revestidos de formas específicas próprias. (BORGES, 2019, p. 20)

O conceito de Campo é entendido aqui a partir da perspectiva de Bourdieu (1996), onde é descrito como um espaço de práticas específicas, relativamente autônomo e que possui uma história própria. Ele também se caracteriza por ser um espaço orientado pelas tensões dos agentes que definem um universo de problemas, referências e marcas intelectuais. Comunicadores, comunicólogos, jornalistas, profissionais da publicidade, entre tantos outros, são alguns dos agentes que movimentam o campo da Comunicação e que se definem para manejar um sistema de coordenadas.

Klein (2010) aponta que a idéia de integração é o uso mais comum da interdisciplinaridade no campo da Comunicação. Neste contexto, o autor determina quatro impulsionadores para que essa característica seja explorada no campo, sendo eles: a complexidade inerente da natureza e da sociedade, o desejo de explorar

problemas que não se limitam a uma única disciplina, a necessidade de resolver problemas sociais, o poder das novas tecnologias.

A interdisciplinaridade possui dois objetivos segundo o autor: ela é uma meta epistemológica e também uma solução de curto prazo para os problemas econômicos e tecnológicos, questões pragmáticas de confiabilidade, eficiência e valor comercial centro do palco (Klein, 2010). Através dela pode se promover diálogos e construir pontes entre uma disciplina e outra, além de também culminar para uma reestruturação onde várias disciplinas podem formar um novo conjunto coerente e novo a partir de domínios interdisciplinares.

É justamente esse cruzamento e articulação do campo da Comunicação com outras áreas que se impõe um desafio epistemológico e estruturante do campo. O objetivo, ou interface (BRAGA, 2011), são colocados em cheque “para assegurar possibilidades de avanço de conhecimento em Comunicação e de contribuição comunicacional para as CHS: o que há de comunicacional nessa interface?” (BRAGA, 2011, p. 64)

Consideramos aqui, a interdisciplinaridade não a partir de uma dispersão do objeto comunicacional, mas sim de um espaço de trabalho construtivo do conhecimento comunicacional (Braga, 2004). Com esse olhar, é possível refletir que assim como outras disciplinas consolidadas das Ciências Humanas e Sociais, como a História, a Sociologia, na Comunicação

É possível pensar em sub-áreas temáticas de especialização, sem que isso atrapalhe a percepção de critérios de conhecimento – sociologia do trabalho, sociologia da comunicação (significando “das mídias”). Não é o tema que assegura pertinência, mas a visada sociológica posta sobre este. (BRAGA, 2004, p. 65)

Segundo Braga (2004), então, o movimento é justamente em perceber os processos sociais em geral pela ótica que neles busca a distinção do fenômeno, a partir da ótica da Comunicação e sua relação com a sociedade, uma Comunicação Social. “Poderíamos assim dizer que o objetivo e o objeto do Campo de Estudos em Comunicação, de modo quase tautológico, é observar como a sociedade conversa com a sociedade”. (BRAGA, 2011, p. 66)

O autor conceitua ainda outro termo que é importante para observar o campo da Comunicação interagindo com as interações sociais, a midiaticização.

Esse conceito enfatiza expressamente processos segundo os quais “as mídias funcionam”, mas também pelos quais a sociedade contemporânea historicamente aciona suas interações. Ou seja: a midiatização como processo comunicacional da sociedade, mais que como “ação das mídias” sobre a sociedade. (BRAGA, 2011, p. 67)

O mediático interfere e interage profundamente com os espaços não-mediáticos, em função de suas características como inclusividade e de penetrabilidade. Esses, aliados a outros fatores nos permitem afirmar que hoje vivemos em uma “sociedade de comunicação” ou “sociedade mediática” (BRAGA, 2011).

Em suma, ao adotar o termo midiatização, o que o teórico enfatiza é a necessidade de ressaltar os processos comunicacionais que estão envolvidos nas mais diversas ações da sociedade.

Podemos entender a midiatização como um conjunto complexo de ações de sociedade (incluindo aí, é claro, a organização empresarial e o desenvolvimento tecnológico) que crescentemente se estabelecem como processo interacional de referência, passando a abranger e direcionar os processos gerais anteriores: os da escrita, que anteriormente (e ainda) se apresenta como processo de referência principal, subsumindo a generalidade de processos; e os da oralidade tradicional (BRAGA, 2011, p. 70)

A interdisciplinaridade no Jornalismo: O segmento do jornalismo esportivo

A partir da perspectiva da especialização e da sistematização da comunicação (BRAGA, 2004) citada anteriormente é possível afirmar que o Jornalismo esportivo é constituído basicamente a partir de uma perspectiva interdisciplinar. Como aponta diversos teóricos, essa área de especialização do campo lida diretamente com diversas disciplinas que se integram dentro do jornalismo, por exemplo, as interfaces do esporte e lazer, esporte e saúde, esporte e prestação de serviço etc, Erbolato (1981), Barberio e Rangel (2006).

Dotado de uma pluralidade de abordagens, esse segmento do jornalismo lida diariamente com um contingente de informações muito abrangentes. Sendo assim, o jornalista que atua neste sub-campo precisa inteirar-se das principais competições e modalidades esportivas, mas também de questões que extrapolam o jogo, como mudanças sociais e políticas. Ele deve:

Servir como instrumento de mediação e intercâmbio entre os especialistas e as audiências, (...) aprofundar a explicação de fenômenos atuais e novos, tal qual exigem as aceleradas mudanças sociais, políticas etc, (...) substituir, na medida do possível, a figura do colaborador especialista à do jornalista especializado. (AMPARO TUÑON apud TAVARES, 2012, p.104)

Como instrumento de mediação, e retomando também a noção da perspectiva da midiaticização (BRAGA, 2004), o jornalista esportivo facilita as trocas entre as mais diversas áreas de conhecimento o que torna sua atuação ampla. Entretanto, alguns autores apontam uma tendência de que a imprensa especializada explore majoritariamente os esportes e competições de alto rendimento em prol da audiência em detrimento de outras abordagens.

Verificamos na imprensa, porém, abordagens do esporte cada vez mais relacionadas a competições de alto rendimento, aos megaeventos e suas imagens espetaculares. O esporte é pautado na TV, no meio impresso, no rádio e nos veículos de comunicação que utilizam o ambiente digital segundo critérios ligados à audiência, ao apelo popular ou vínculos com o marketing e que tratam o jornalismo com superficialidade e sinônimo de ufanismo ou de entretenimento (CARDOSO, 2016, p. 3).

A predominância desse tipo de abordagem pode gerar uma “sensação de vazio de informação jornalística, de apuração e da boa pauta” (GUERRA, 2014, p. 169). Neste momento, uma característica intrínseca a atuação do jornalismo esportivo, a interdisciplinaridade, se torna um limitante. Em decorrência das diversas áreas relacionadas ao esporte, “grande parte dos jornalistas não têm conhecimentos suficientes pelo fato de os conceitos abarcarem áreas tão diversas àquelas englobadas pela Comunicação (CARDOSO, 2016, p. 4).

Então por própria necessidade, para conseguir realizar bem as articulações em torno do processo que abarca a produção de notícias, “o jornalista esportivo precisa se especializar, se aprofundar para criar pautas e fazer reportagens que vinculem esporte com saúde, educação e lazer, sociedade” (CARDOSO, 2016, p. 4).

Características do jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo é uma atividade muito específica, realizada dentro de um contexto maior – o jornalismo como um todo -, com pretensão de cobrir determinados assuntos ligados ao esporte (BORELLI, 2002).

O jornalismo cultua o herói, constrói uma grande atorização, a partir dos maiores ícones do mundo esportivo, cria mecanismos para “bisbilhotar” a vida dos ‘olimpianos’, faz julgamentos, avaliações, análises de competições, de fatos inusitados, de relações que são estabelecidas no dia-a-dia esportivo, etc. É a partir destes múltiplos e variados movimentos, que o jornalismo institui o esporte. (BORELLI, 2002, p. 3)

A editoria de esportes é uma das que gozam maior autonomia, seja no que tange ao texto, nas possibilidades narrativas, seja até pela sua formatação mais flexível. Ao contrário de outros segmentos do jornalismo, como política ou economia, “a análise no esporte é desenvolvida para a legitimação e institucionalização do campo esportivo, na medida em que promovem uma grande ‘falação’ acerca de fatores que consideram relevantes e de interesse público e/ou público”. (BORELLI, 2002, p. 4)

O campo (BOURDIEU, 1996) do jornalismo esportivo possui suas próprias regras para narrar, apresentar, contextualizar e falar sobre esporte, ao qual foram definidas e validadas pelos seus agentes. Sobre isso, Lustosa (1996, p. 113) afirma que cada editoria de jornal apresenta diferentes codificações na formulação do texto da notícia. No esporte se “utiliza uma série de expressões próprias de cada modalidade esportiva” (1996, p.137), por isso esta atividade exige conhecimentos específicos.

É possível dizer que por conta das especificidades da atuação neste sub-campo, a tarefa dos especialistas de construir e produzir notícia é tão científica que só eles podem ter este entendimento. Dessa forma, só o corpo técnico - os especialistas – podem criar sentidos em esporte (BORELLI, 2002).

Para complexificar ainda mais esse segmento, Borelli (2002), ressalta que como o jornalismo ocupa um lugar central de mediação da realidade, onde temas dos campos sociais passam pelo processo de midiaticização, há um grande cruzamento de falas, interesses, negociações, disputas. Logo,

no processo de produção também deve-se levar em conta a relação dos meios com as instituições da sociedade (o mundo das fontes), a relação dos meios com os atores individuais, a relação das instituições com os atores e a maneira em que os meios afetam a relação entre as instituições e os atores. (BORELLI, 2002, p. 6)

Assim como qualquer outro trabalho jornalístico, que possui suas próprias regras, com a cobertura esportiva não é diferente. Neste sentido, a cobertura esportiva é realizada com ferramentas gerais, do próprio jornalismo, e com ferramentas específicas do esporte (BORELLI, 2002). Regras gerais como, entrevistas com fontes, ferramentas de checagem, o lead, o texto claro e conciso e outras recomendações que estão nos mais diversos manuais de redação jornalísticos, também estão presentes no jornalismo esportivo. Entretanto, esse segmento acaba incorporando fatores característicos do esporte, “como a descrição da ficha técnica em jogos, o uso de expressões características do campo competitivo (linguagem agonizante, de combate, mais despojada, em função do campo ser, sobretudo, de entretenimento, etc) (BORELLI, 2002, p. 10).

A autora ressalta que por vezes o jornalista é levado a abandonar certas regras para incorporar novas formas nas coberturas. Isto é, “são desenvolvidas novas estratégias para aprimorar o trabalho, se adequar a inovações e avanços tecnológicos e para aprender a lidar com novos e diversos fatores que surgem a cada dia”. (BORELLI, 2002, p. 10). Características como lidar com o inusitado, inesperado, flexibilização da linguagem e da construção da notícia e até como o jornalista se porta – como, por exemplo, o visual mais despojado desses comunicadores na televisão -, estão presentes e é o que caracteriza e diferencia esse segmento de outros do jornalismo.

Os acontecimentos esportivos não se limitam ao campo da competição, uma vez que representam também aspectos culturais, econômicos, políticos, sócias, etc. E é por isso que também se faz necessário refletir e pensar perspectivas de uma comunicação, e por que não de um jornalismo esportivo ativo e combativo em prol de causas sociais.

O papel social e combativo do Jornalismo Esportivo

O esforço neste derradeiro tópico é pensar uma reconfiguração do campo da Comunicação a partir de um reposicionamento do campo no que tange questões sociais, mais especificamente, as questões de raça e racismo, a partir do seu discurso. “Raça e racismo são categorias que renovam as práticas midiáticas e questionam a comunicação em suas múltiplas formas” (BORGES, 2019, p. 18).

A autora descreve o papel fundamental do discurso midiático enquanto elemento fundamente da comunicação. Segundo ela, fala-se, escreve-se, filma-se dentro de um

código legível, cujo regimento é o discurso (BORGES, 2019). Em consonância, Rodrigues (1996) expõe o papel fundamental que o discurso tem e é nele onde é visualizado os principais objetivos da Comunicação.

O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o principal produto e resultado final do seu funcionamento. A mídia produz discursos como os pintores pintam telas, os músicos compõem músicas, os arquitetos projetam edifícios. É claro que a mídia desempenha também outras funções, mas todas elas têm no discurso o seu objetivo e sua expressão final (RODRIGUES, 1996, p. 217)

O intelectual neerlandês Van Dijk (1991) afirma que as mídias fornecem fatos significados e opiniões preferidas e pré-formuladas que são especificamente selecionadas. Logo, de acordo com o teórico “Se a Imprensa endossa a ideologia que legitima o domínio branco, é de se esperar que ela irá ignorar, desacreditar, marginalizar ou problematizar posições e grupos antirracistas” (VAN DIJK, 1991, p. 39).

Fazendo a conexão com a atuação do jornalismo esportivo no combate as discriminações raciais, é perceptível que adjetivos racistas atribuídos atletas negros ainda são ditos em programas e transmissões esportivas. Como no exemplo abaixo:

“Celsinho sentiu, tomou uma pancada no tornozelo esquerdo, está levantando mas o cabelo dele deve pesar demais, né Vinícius”? - disse o narrador.

“Exatamente, rapaz, parece mais um bandeira de feijão, né Romes, a cabeça dele do que um verdadeiro cabelo. Não é porque eu já estou perdendo os cabelos que eu vou achar um negócio imundo desses bonito. Parece mesmo uma bandeira de feijão - concluiu o comentarista”.³

A discricção do acontecimento foi retirada da transmissão de rádio do empate sem gols entre Goiás e Londrina que aconteceu no dia 14 de julho de 2021. O narrador Romes Xavier e o comentarista Vinícius Lima, da Rádio Bandeirantes Goiânia, fizeram comentários racistas sobre o cabelo do meia Celsinho, que atua pelo Tubarão/PR. Eles vieram a ser demitidos pelo veículo, mas somente depois do clube do Paraná emitir uma nota de repúdio e o caso ganhar repercussão nas redes sociais.

É inclusive neste ponto que Rheingold (2008) outorga um poder para os cidadãos das novas mídias. Ele afirma que o aumento da participação cidadã reduz o

³ Texto retirado do site <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/jogador-londrina-alvo-comentarios-racistas-durante-transmissao-radio.html> e consultado no dia 04 de agosto de 2021.

poder definidor das figuras de linguagem da mídia dominante: a paródia e sátira se multiplicam, e públicos cada vez mais familiarizados com as mídias contestam a legitimidade de comentaristas anteriormente considerados respeitáveis. Por exemplo, no caso citado anteriormente com a retaliação pública que os comentaristas foram submetidos nas redes sociais.

Desta forma, é importante compreender como as práticas de representação relativas à raça na Comunicação podem mudar e também contribuir com as pautas da justiça social (BANAJI, 2019, p. 44). O sociólogo britânico jamaicano Stuart Hall (1997) discute os modos como o racismo nas mídias de massa pode ser contestado ao longo do tempo.

Segundo o teórico, abordagens como a representação positiva (em que grupos raciais e étnicos que normalmente são submetidos a estereótipos negativos passam a ser representados mais positivamente) e a transcodificação (uma tentativa de retomar os significados de determinados discursos representacionais de raça do estereótipo hegemônico e atribuir significados diferentes a tais representações), são estratégias validas de contestação, mas são apenas uma pequena parte de um contexto mais amplo. Segundo ele, os discursos racistas se reinventam em representações mais complexas e ambivalentes que permitem que os produtores e os públicos se sintam conscientes e antirracistas enquanto continuam o trabalho de classificação e estereotipização de formas mais sutis (HALL, 1997).

Outro exemplo da complexificação de práticas racistas dentro do segmento esportivo é o exacerbado uso de adjetivos por parte de analistas, narradores, comentaristas, enfim agentes do campo esportivo, que resumem atletas negros ao seu porte e potencia física. “Monstro”, “animal”, “trator”, “máquina”, “tanque”, são alguns exemplos desse tipo de uso racista discursivo sutil, onde ocorre a valoração dos atributos físicos em detrimento das propriedades intelectuais, da inteligência e da capacidade cognitiva dos atletas.

Além de cumprir sua função social no campo específico do jornalismo esportivo, como estimular novas vocações esportivas, valorizar o espírito de competição, contribuindo assim para melhoria de vida do cidadão (BUENO, 2005), o jornalismo específico pode alcançar vãos ainda maiores.

Por meio da imprensa podem ser divulgados e ampliados valores primordiais na formação do caráter do indivíduo (CARDOSO, 2016). O que está sendo proposto aqui

não é que o jornalismo esportivo deixe de cumprir com o papel específico de seu campo de atuação como – incentivar crianças a praticar esportes ou cobrir as competições de grande rendimento – mas, a necessidade de se ampliar a angulação das pautas a fim de trazer para os noticiários esportivos a pluralidade de ideias e estímulos que representam os temas ligados ao esporte (CARDOSO, 2016)

A comunicação, expressa aqui no jornalismo esportivo, tem papel fundamental na formação do cidadão porque

Age diretamente na memória e na atenção das pessoas, seja pelos jornais impressos televisão, rádio, internet e outras mídias. Ao criar possíveis mundos esportivos emergem desejos de satisfação, propiciando ao indivíduo participar, incorporar e reproduzir pensamentos e condutas. (MALULY, 2010, p.2)

A cobertura esportiva não deve se limitar a apenas noticiar rankings, resultados e fatores relativos apenas à competição em si, pois o esporte é muito mais que isso. Sobre ele, incide a integração com outros campos (da psicologia, medicina, marketing, política, religião, imprensa, social etc) o que torna necessário pensar sua atuação a partir do seu caráter interdisciplinar (BORELLI, 2002).

Dessa maneira, o jornalismo esportivo traz para o seu discurso a voz de outros campos de saber, transformando o espaço jornalístico num ‘mundo polifônico’ (BORELLI, 2002). A partir destas inúmeras perspectivas, destes cruzamentos e conjugações de falas presentes no jornalismo esportivo, é que “o campo esportivo ganha visibilidade na mídia, na medida em que são construídos sentidos, a partir de enquadramentos, hierarquizações, destaques, enfim, da tematização da atualidade”. (BORELLI, 2022, p. 16)

As próprias características do campo do jornalismo esportivo (ludicidade, entretenimento, lida com paixões, emoções, valores, etc) são ao mesmo tempo as potencialidades e os limites que o segmento possui para atingir seu papel social de luta e combate as discriminações. Como é um tema que lida diretamente com interesses, cotidianos, sentimentos, anseios e expectativas de vários campos sociais, existem limitações no que tange a profundidade do discurso (BORELLI, 2002). Porém, nota-se que é nessa editoria que onde mais podemos visualizar investimentos discursivos para didatizar, explicitar, tematizar o esporte, onde é exercida uma pedagogia jornalística (idem, 2002).

A construção desse didatismo e dessa pedagogia jornalística através dos discursos midiáticos são fundamentais para desempenhar um papel central tanto na produção quanto na reprodução do preconceito e do racismo. (VAN DIJK *apud* SODRÉ, 2015, p. 276)

A mídia funciona no nível macro como um gênero discursivo capaz de catalizar expressões políticas institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista, que de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele” (SODRÉ, 2015, p. 276)

Mesmo com o caráter didático que a mídia esportiva desempenha, para explicar os esportes, o jogo, interações sociais que podem ser visualizadas através da ótica da comunicação e também as potencialidades no desempenho do papel social de combate a práticas discriminatórias através de uma construção narrativa interdisciplinar (que envolve a Sociologia, a História, as Ciências Políticas), o próprio Sodré (2015) identifica alguns limites no que tange aspectos estruturais das formações da mídia e da elite no Brasil.

Falar de elite é designar os grupos e as instituições com acesso diferenciado a mecanismos geradores de poder, tais como renda, emprego, educação e força repressiva. São as elites que ocupam, em cada Estado nacional, sejam de posições de controle direto da mídia, sejam as possibilidades de moldar o seu discurso. No Brasil, essas elites específicas têm basicamente uma natureza familiar (SODRÉ, 2015, p. 277)

O autor aponta para pensarmos novas possibilidades de ação. A grande mídia talvez esbarre em fatores econômico-políticos na efetivação de práticas antirracistas, mas existem possibilidades no próprio campo da comunicação para pensar um jornalismo esportivo combativo.

Nenhuma verdadeira política antirracista pode implantar-se num sistema discursivo como o dessa grande mídia. É a compreensão dessa realidade que hoje faz surgir, em determinados contextos, algo como a chamada “mídia indígena” – ou seja, estratégias discursivas para resistir rebaixamento dos níveis em termos econômicos, ecológicos e culturais. Trata-se de esforços com base comunitária (local) sem grandes investimentos financeiros e com um claro direcionamento político-ideológico (SODRÉ, 2015, p. 281)

Apontamentos finais

É importante frisar que não houve qualquer esgotamento da temática neste artigo. Na verdade, a intenção é justamente pensar complexificamente a Comunicação, e mais precisamente o jornalismo esportivo, no combate ao racismo e outras discriminações no contexto do Brasil. Foi importante contextualizar de que forma se desenha a interdisciplinaridade na Comunicação para que assim pudéssemos visualizar esse fenômeno sendo parte fundamental da atuação do jornalista especializado em esporte. E assim, como no Campo da Comunicação esse caráter interdisciplinar pode ser visto de diferentes formas e perspectivas, para uns é a indefinição das fronteiras do campo, um terreno feito areia movediça, para outros é enxergar as potencialidades na integração com outras disciplinas e campos para assim observar fenômenos a partir da ótica comunicacional.

Para os jornalistas esportivos e os agentes do campo significa a necessidade de uma especialização e principalmente, um olhar crítico e participativo para fenômenos sociais, para que assim consigam construir discursos se não tidos como antirracistas, ao menos combativos as mais diversas formas de discriminação. E isso é mais do que possível.

REFERÊNCIAS

- BANAJI, S. **Racismo e orientalismo**. IN CORRÊA (orgs), *Vozes negras em Comunicação: mídias, racismos, resistências*. Autêntica, 2019, p. 37-53.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORGES, R. **Mídias, racismo e outras formas de destituição**: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação. In CORRÊA (orgs), *Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências*. Belo Horizonte: Autêntica, 201., p. 17-37.
- BORELLI, V. **O Esporte como uma Construção Específica no Campo Jornalístico**. Texto apresentado no INTERCOM 2002, Centro de Convenções - Salvador, Bahia.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996.
- BRAGA, J.L. 2004. **Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação**. *Contracampo*, 10/11:219-235.

- BRAGA, J.L. 2007. **Midiatização como processo interacional de referência**. In: A.S. MÉDOLA; D. CORREA ARAÚJO; F. BRUNO (orgs.), Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática. Porto Alegre, Sulinas, p. 141-167
- BRAGA, J.L. **Constituição do Campo da Comunicação**, 2011. Verso e Reverso: Unisinos, São Leopoldo, RS.
- BUENO, W. C. **Chutando prá fora**: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In MARQUES, J.C.; CAMARGO, V. R. T.; CARVALHO, S. Comunicação e Esporte: Tendências. São Paulo: Pallotti, 2005.
- CARDOSO, M. **Jornalismo especializado em esportes**: uma discussão para ampliar conceitos e autores. São Paulo, INTERCOM, 2016.
- ERBOLATO, M. L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1980.
- GUERRA, M. **O triste caminho do jornalismo esportivo**: o sorteio da Copa do Mundo perde para o decote de Fernanda Lima. In: ROCCO JÚNIOR, A. Comunicação e esporte: Copa do mundo 2014. São Paulo: Intercom, 2014.
- HALL, S. **The Spectacle of the Other**. In: HALL, S. (Org.). Representation: cultural representations and signifyng practices. London: Sage, 1997, p. 223-279.
- KLEIN, J. T. **A taxonomy of interdisciplinarity**. IN FRODEMAN; KLEIN, HOLBROOK, MITCHAM (Orgs). The Oxford Handbook of Interdisciplinarity, 2010.
- LOPES, M. **Por um paradigma transdisciplinar para o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 1998.
- LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: UNB, 1996.
- MALULY, L. V. B. **Pequeno manual da reportagem esportiva**. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Cadernos da Comunicação, série Estudos, v.11, p. 85-109. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social; Prefeitura do Rio de Janeiro, 2004.
- MOUILLAUD, M. Sérgio Dayrell Porto (org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- RODRIGUES, A.D. **Estratégias da comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- RHEINGOLD, H. Using **Participatory Media and Public Voice to Encourage Civic Engagement**. In: BENNET, L. (Org). Civic Life online: Learning How Digital Media Can Engage Youth. Cambridge: MIT Press, 2008. p. 97-118

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **Claros e escuros**: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3d, Vozes, 2015.

TAVARES, F. M. B. **A especialização jornalística como teoria e objeto**: contornos e limites. Revista Comunicação Midiática. v.7, n.1, p. 96-116, jan. / abr. 2012.

VAN DIJK, T.A. **Racism and the Press**. New York: Routledge, 1991.